

Percursos teóricos, metodológicos e educativos no ensino de Museologia

O caso do curso de Museologia da UFS (2007-2022)

Theoretical, methodological and educational paths in teaching Museology: the case of the Museology course in the UFS (2007-2022)

Recebido em: 31/01/2024

Aprovado em: 23/05/2024

Priscila Maria de Jesus

Rose Elke Debiasi

Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso

[Sobre as autoras >>](#)

RESUMO

A presente comunicação busca descrever a trajetória do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), criado em 2007, bem como os desafios da graduação e as adequações curriculares às novas tendências e demandas do profissional museólogo. Dentre os métodos indicados, optou-se pela análise da situação, utilizando-se fontes históricas e institucionais disponibilizadas pela universidade, além da documentação produzida pelo próprio curso, tais como relatórios, diagnósticos, atas e levantamentos. A compreensão das mudanças metodológicas e teóricas presentes no curso possibilitou a compreensão dos pontos positivos e dos que deveriam ser melhorados, a partir de dados como retenção, bolsas ofertadas e projetos aprovados, que se refletiu na alteração do projeto pedagógico do curso (PPC) aprovado e implantado em 2020. Tal alteração buscou descentralizar e diversificar a formação do profissional por meio do desenvolvimento de competências e habilidades que permitissem o diálogo com questões e demandas da atualidade. Concluiu-se que a compreensão da história do curso deu bases para a adequação do PPC envolvendo as mudanças tecnológicas e de mercado que se refletem na formação dos profissionais da Museologia, bem como as ações estratégicas para assegurar a permanência do acadêmico no curso.

Palavras-chave: Museologia; retenção; mercado de trabalho; formação profissional.

ABSTRACT

This communication seeks to describe the trajectory of the Museology Course at the Federal University of Sergipe, created in 2007, as well as the challenges of graduation and curricular adaptations to new trends and demands of professional museologists. Among the methods indicated, we chose to analyze the situation, using historical and institutional sources made available by the University, in addition to the documentation produced by the Course itself, such as reports, diagnoses, minutes and surveys. To understand the methodological and theoretical changes present in the course, we chose to analyze the reformulations of the Course's Pedagogical Projects, whose changes sought to decentralize and diversify professional training, through the development of skills and abilities that allow dialogue with current issues and demands. Finally, it was concluded that the understanding of the history of the course provided the basis for adapting the PPC in understanding the technological and market changes that are reflected in the training of museology professionals, as well as the strategies that allowed actions to ensure the academic's permanence on the course.

Keywords: Museology; retention; job market; professional qualification.



Introdução

O curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi criado no ano de 2007, no bojo do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), proposta do governo federal brasileiro que se insere no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o qual visava a ampliação de acesso de jovens ao ensino superior. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no ano de 2020-2021, cerca de 65% dos jovens entre 18 e 24 anos no Brasil não estavam matriculados em um sistema educacional, os “jovens adultos que já não estudam podem estar empregados, desempregados ou inativos”.¹ Esses números, quando comparados a países membros da OCDE e localizados na Europa, mostram a discrepância entre a realidade dos jovens adultos. O relatório da OCDE destaca ainda que “no Brasil, Grécia, Itália e Turquia, menos da metade dos jovens de 18 a 24 anos que não estão estudando, estão trabalhando”.²

No que tange aos brasileiros que possuem ensino superior, o baixo índice de jovens adultos com idade entre 25 e 34 com esse nível de formação fomentou o desenvolvimento das políticas do PDE quanto às ações voltadas para as instituições de ensino superior (IES). No Brasil, o número de adultos entre 25 e 34 anos com ensino superior completo é de cerca de 20% para homens e 27% para mulheres no ano de 2020, estando muito abaixo da média apresentada pelos países membros.³

Desta forma, a expansão do ensino, iniciada nos anos 2000 por meio da ampliação de universidades públicas e cursos de graduação e pós-graduação, permitiu que um maior número de jovens pudesse concluir seus estudos universitários. Paulo Cajazeiras destaca que esse processo se deu em dois momentos, “a fase da expansão, denominada de Fase I, e a fase da implantação do Reuni, denominada de

¹ OCDE. *Education at a Glance 2021: OECD Indicators*. Paris: OECD Publishing, 2021. p. 54. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/b35a14e5-en>. Acesso em: 17 fev. 2022. Tradução nossa.

² *Ibid.*, p. 54.

³ *Ibid.*

Fase II, quando foram criadas quatorze universidades e mais de cem novos campi, os quais possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação”.⁴

O curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) comungou com a expansão dos bacharelados em Museologia no Brasil, alinhado com a Política Nacional de Museus (PNM), que previa maior capacitação dos profissionais dos museus e fortalecimento da classe de profissionais. O ensino superior em nível de graduação passou a figurar nas cinco regiões brasileiras, possibilitando, assim, a descentralização da oferta normativa, antes restrita ao eixo Rio de Janeiro-Salvador. Essa expansão também sinalizou uma diversidade dos perfis formativos, conforme observa-se no trabalho de Fiorella Isolani.⁵ A autora adota a classificação apresentada por Letícia Julião e Gabrielle Tanus⁶ a partir das vinculações acadêmicas, afirmando que a criação do curso de Museologia da UFS, diferentemente dos demais cursos, é gestada sem vinculação com outra unidade acadêmica.

O presente artigo busca compreender o processo de estruturação do curso de Museologia da UFS, com base em fontes históricas e institucionais disponibilizadas pela universidade, além da documentação produzida pelo próprio curso, tais como relatórios, diagnósticos, atas e levantamentos. Para a compreensão das mudanças metodológicas e teóricas, optou-se pela análise das três reformulações dos projetos pedagógico do curso (PPC), de forma individual e comparada, de modo a refletir sobre as escolhas, as adaptações, os arranjos, os desafios e as singularidades presentes na trajetória do curso de Museologia da UFS. Para tal intento, organiza-se o artigo da seguinte maneira: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões e considerações finais.

⁴ CAJAZEIRAS, P. E. A retenção em cursos de jornalismo do Reuni no Brasil: um estudo de caso na UFCA. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, v. 9, n. 25, p. 44-56, 24 dez. 2019. p. 45.

⁵ ISOLANI, Fiorella Bugatti. *A formação em Museologia nas universidades brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da Museologia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.103.2017.tde-17102017-110303. Acesso em: 11 nov. 2021.

⁶ JULIÃO, L.; TANUS, G. F. de S. C. Ensino da Museologia no Brasil: teoria e interdisciplinaridade. In: Seminário Brasileiro de Museologia, 1., Belo Horizonte. *Anais do I Sebramus*. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014, p. 76-87.

O processo de estruturação do curso de Museologia da UFS

O curso de Museologia da UFS foi inserido na proposta da universidade de criação de um polo de Artes, cujo objetivo era o de congregar cursos que apresentassem um perfil de profissionalização e formação no campo da cultura e artes, desde que não fossem ofertados no *campus* de São Cristóvão. O *campi* voltado para as artes, também conhecido como *campus* de Laranjeiras, reuniu cinco cursos, a saber: Arqueologia, Arquitetura, Dança, Museologia e Teatro.

Faz-se necessário entender a vinculação dessa temática no *campus* em criação (ver figura 1) de acordo com a sua localização, a cidade de Laranjeiras, conhecida pela sua diversidade cultural e artística manifestada nos grupos culturais, conjuntos arquitetônicos tombados, festejos e atividades culturais. Essa cidade recebeu a alcunha de Atenas Sergipana no século XIX, como elucidada Gicélia Costa: “Em razão desse desenvolvimento cultural, econômico, social e político e por ser considerada o centro da intelectualidade e da propaganda republicana, Laranjeiras recebeu o codinome de ‘Atenas Sergipana’”.⁷



Figura 1. Parte do complexo de casarões que compõem o *campus* de Laranjeiras. Fonte: Priscila de Jesus.

⁷ COSTA, Gicélia Santos. *Protestantes na “Atenas sergipana”*: conflitos religiosos na inserção do presbiterianismo em Laranjeiras/SE (1884-1899). 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. p. 22.

No entanto, o processo que levou à implementação do *campus* de Laranjeiras passa pela requalificação arquitetônica da cidade, que ganha maior força a partir da segunda metade do século XX, quando houve o tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade, em 1995, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). De acordo com o órgão:

O tombamento ocorreu devido à sua importância no desenvolvimento da região, identificado pela presença do primeiro porto, além da expressividade e da força da arquitetura antiga, representada pelo casario do século XIX e pelo cenário monumental religioso do século XVIII. O município é um dos poucos onde ainda se pode ver a força da arquitetura colonial, onde se destacam ruas, igrejas e outras edificações.⁸

Dentro desse perímetro de tombamento, abarcando cerca de quinhentos imóveis, está localizado o *campus* de Laranjeiras, onde outrora era conhecido como Quarteirão Trapiche, complexo arquitetônico que reúne os remanescentes de seis outras casas do período colonial brasileiro as quais foram restauradas a partir do Programa Monumenta e cedidas à UFS para implantação do *Campus* das Artes. Algumas das características da arquitetura original ainda estão presentes no *campus*, como mostra a figura 2, a exemplo dos pilares na parte interna da universidade.



Figura 2. Parte interna do *campus* de Laranjeiras. Fonte: Priscila de Jesus.

⁸ IPHAN. Laranjeiras (SE). 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/357>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Cabe ressaltar que a implementação dos cursos no campus não ocorreu de imediato, como destaca Samuel Albuquerque: “Entre princípios de 2007 e meados de 2009, as atividades do Campus de Laranjeiras foram desenvolvidas nas precárias instalações do Centro de Atendimento Integrado à Criança – CAIC –, localizado no Conjunto Manoel do Prado Franco”.⁹ Apenas em 2009 o prédio atual do campus foi entregue e as atividades seguem até o presente momento.

Para além da expansão dos cursos de Museologia em território nacional, Albuquerque relata os dados apresentados sobre o quadro de profissionais museólogos no estado de Sergipe, também um dos indicativos para a capacitação dos profissionais de museus do estado que contribuíram de forma significativa para a criação do curso:

Em quadro estimativo divulgado em 2008, Nunes também constatou a carência de profissionais com formação específica em Museologia. Segundo os dados apresentados, entre os profissionais que atuavam nos museus sergipanos, tínhamos: um museólogo, três museólogos provisionados e 14 não museólogos (bibliotecários, turismólogos, jornalistas dentre outros).¹⁰

O esforço da professora Verônica Nunes, historiadora e museóloga, com atuação em grande parte dos museus sergipanos, possibilitou a criação da primeira matriz curricular para o curso de Museologia, publicada no volume I da coleção *O Despertar do Conhecimento na Colina Azulada*, em 2009.

Nessa linha interpretativa, Cristina Bruno,¹¹ no artigo “Museologia: entre abandono e destino”, ajuda-nos a pensar sobre algumas perspectivas contemporâneas da Museologia, pontuando a inserção

⁹ ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. Sob a lupa de Clío: notas para a História do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. *MUSEITEC – Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural*, v. 1, n. 1, dez. 2012. p. 4. Disponível em: <https://mobile.sites.google.com/site/revistamuseitec/sob-a-lupa-de-clio-notas-para-a-historia-do-curso-de-museologia-da-universidade-federal-de-sergipe--samuel-barros-de-medeiros-albuquerque>. Acesso em: 14 nov. 2021.

¹⁰ *Ibid.*, p. 3.

¹¹ BRUNO, M. C. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 19-28, 2020. p. 25. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.31590. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31590>. Acesso em: 1º nov. 2021.

dos desafios socioculturais na dinâmica dos fenômenos museológicos, incluindo as dimensões acadêmica e profissional. Nas suas palavras, a busca por novos enquadramentos e superação de paradigmas “atingem a sua consistência teórica e o elenco dos seus procedimentos metodológicos; permeiam a produção científica e influenciam os cursos de formação acadêmica e profissional”.¹²

Método

O presente estudo parte de uma análise qualitativa da história do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe, por meio de uma abordagem explicativa, ampliando e pontuando esse fenômeno no período de 2007 a 2022. Para abarcar a questão, realizou-se um levantamento bibliográfico, fotográfico e documental sobre a instalação do *campus*, as diretrizes internas e externas sobre a ampliação da oferta normativa em Museologia, o perfil docente e dos egressos no Brasil e em Sergipe. Na sequência, busca-se refletir sobre as alterações dos projetos pedagógicos do curso (PPCs) e as respectivas motivações para a mudança, bem como as adequações exigidas no âmbito do Ministério da Educação (MEC) e da Instituição de Ensino Superior (IES) para o corpo docente. A análise desses documentos, como pano de fundo, torna possível a reflexão sobre as escolhas, as influências, os impactos e os redirecionamentos na trajetória do curso de Museologia na UFS.

Para o estudo de caso, nos debruçamos sobre a documentação produzida pelo próprio curso, com destaque para a análise de relatórios, PPCs, diagnósticos, atas, planos de gestão e demais levantamentos quantitativos e qualitativos realizados pelas quatro gestões (2016-2022) aqui representadas no que tange à oferta de componentes curriculares, à retenção e à formação acadêmica do alunado. Realizamos, ainda, a análise e o cruzamento dos dados e das informações institucionais do curso, de forma individual e comparada, disponibilizadas pelas plataformas e diferentes pró-reitorias da UFS. Os resultados são aqui representados por meio de quadros e planilhas.

¹² *Ibid.*, p. 25.

Por fim, soma-se a este *constructo* as observações individuais e coletivas de cada uma das coordenadoras, bem como o exercício aqui expresso de teorizar sobre o processo de consolidação do curso de graduação em Museologia, ou, em outros termos, sobre o fazer e refazer-se do curso.

Resultados e discussões

O processo de consolidação de um curso de graduação passa pela percepção do que ele pretende e de como fará isso. Assim, parte-se da compreensão de como o curso foi estruturado no seu PPC e as ações desempenhadas de acompanhamento e avaliação realizadas pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso. O PPC consiste no “documento que norteia o desenvolvimento do curso tanto para os estudantes, professores, colegiado e NDE como para o coordenador do curso e os demais gestores da instituição que o oferta”.¹³ Ele é construído de forma colaborativa entre docentes, discentes e comunidade externa, compreendendo o perfil do profissional que se espera formar e sua absorção pelo mercado de trabalho.

O curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe se insere na formação de profissionais de museus para atender o estado de Sergipe, que conta com cerca de 34 museus, segundo a plataforma *MuseusBr* do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). No entanto, cabe destacar que a plataforma é um espaço colaborativo, e as informações são registradas a partir da demanda das instituições cadastradas ou de alguém que conheça e queira inseri-la no sistema do Ibram. Por isso, nem sempre o seu cadastro é realizado.

O primeiro projeto pedagógico do curso de Museologia da UFS previa que as disciplinas seriam divididas em dois currículos: padrão e complementar. O primeiro era referente às disciplinas de caráter obrigatório do curso e o segundo, às disciplinas optativas, eletivas, atividades complementares e de monitoria.¹⁴ Com entrada

¹³ LEINEKER, Marcelo; CEZARI, Eduardo. *Ensino superior em movimento: elementos para a gestão de cursos de graduação*. Brasília: Eduft, 2020. p. 48.

¹⁴ UFS. *Guia acadêmico Museologia 2007-2008*. São Cristóvão: Deape/Prograd/UFS, 2007.

anual de 50 discentes, contava com o total de 2.400 horas ou 160 créditos, distribuídos em 8 semestres. Cabe destacar que, no sistema adotado pela Universidade Federal de Sergipe, o crédito corresponde à unidade de contagem da carga horária dos componentes curriculares. Dessa forma, 15 horas/aula corresponde a 1 crédito.

Desses créditos, 136 correspondiam às atividades obrigatórias e 24, às atividades optativas, que poderiam ser cursadas entre 3 e 6 anos.¹⁵ As disciplinas apresentavam de 4, na maioria, a 12 créditos, sendo a grade curricular semestral proposta compreendendo de 2 a 5 componentes no máximo. As disciplinas estavam distribuídas nas áreas de: Português, História, Antropologia e Artes. No que tange à Museologia, as disciplinas ofertadas compreendiam as áreas de Teoria, Documentação, Comunicação, Educação e Gestão, além de Estágio Curricular I e II e Trabalho de Conclusão de Curso I e II. Percebeu-se que a matriz curricular era objetiva e bastante flexível para o corpo discente, no que diz respeito à carga horária por semestre e aos conteúdos presentes.

Nesse primeiro momento, o curso contava apenas com uma professora efetiva, a docente Verônica Nunes, que atuava no Departamento de História. A professora foi cedida para a implantação do curso e, após cumprida essa etapa, ela optou por permanecer no curso de Museologia. Os demais docentes eram professores substitutos contratados durante o processo de implementação da matriz curricular. Os primeiros docentes efetivos começaram a ser integrados ao curso a partir do ano de 2009.

Com a realização de concursos para o preenchimento do quadro de professores efetivos do curso, ampliou-se a presença de profissionais de várias áreas, sobretudo formados em Museologia. Apresentando sete professores efetivos das áreas de História e Museologia, o curso elaborou a sua segunda matriz curricular no ano de 2011, muito mais ampla e notadamente influenciada pelo PPC do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), que consiste em um curso integral, e não diurno, como o da UFS. Esse espelhamento percebe-

¹⁵ *Ibid.*

-se pelos componentes curriculares que foram acrescentados, no que tange às suas nomenclaturas e até mesmo semestres correspondentes, bem como o súbito aumento na carga horária do curso, conforme vemos na Resolução 48/2011/Conepe, que dispõe sobre a alteração do projeto pedagógico do curso:

O Curso será ministrado com a carga horária de 3.210 (três mil, duzentos e dez) horas que equivalem a 214 (duzentos e quatorze) créditos, dos quais 198 (cento e noventa e oito) são disciplinas obrigatórias, 8 (oito) são disciplinas optativas e 8 (oito) são atividades complementares.¹⁶

A divisão dos conteúdos por semestre apresentava uma grande concentração de disciplinas no início, com ofertas de até 8 componentes, sendo que no último semestre o discente tinha apenas duas disciplinas para cursar. Essa alteração, apesar de ser crítica, no que se refere ao acréscimo de carga horária para um curso matutino, possibilitou a interface com outros campos disciplinares. Como destaca Isolan, constitui-se em um aspecto importante a interface da “Museologia com outros campos disciplinares, notadamente a História e as Artes Visuais”.¹⁷

Com o aumento da carga horária do curso, também ampliou-se o número de docentes efetivos, passando de sete para dez professores, que possuíam formação nas áreas de História, Museologia, Artes, Educação e Ciências Sociais. No entanto, com a terceira alteração do PPC, que começou a ser pensada em 2014, e a alteração do quadro docente, priorizou-se por chamar mais um docente com formação em Museologia e a vaga de Ciências Sociais ir para Comunicação, uma vez que os estudos realizados com os ingressos no curso mostravam alto índice de discentes com dificuldade na escrita, leitura e compreensão de conteúdo.

Durante o período de discussão e escrita do novo PPC, foram realizadas pesquisas e relatórios para compreender as dificuldades

¹⁶ UFS. Resolução 48/2011/CONEPE. 2011, p. 3. Disponível em: https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/2384/Resolu_o_CONEPE_2011-048_-PPC_Museologia.pdf. Acesso em: 14 nov. 2021.

¹⁷ ISOLAN, *op. cit.*, p. 128.

e para refletir sobre formas de resolver tanto questões acadêmicas pregressas à entrada na universidade como sua atuação no mercado de trabalho, cada vez mais dinâmico. No ano de 2019, com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, foi realizado o projeto de pesquisa “Diagnóstico e indicadores de retenção dos discentes” do curso de Museologia, uma vez que as taxas de sucesso¹⁸ dos discentes na conclusão do curso tornavam-se cada vez mais baixas, como demonstra o quadro 1:

Campos avaliados	Ano de referência				
	2015 ¹⁹	2016 ²⁰	2017	2018 ²¹	2019 ²²
Ingressantes	51	61	-	56	-
Formados	02	09	-	15	16
Taxa de sucesso	4%	15%	9%	26,8%	45,7%

Quadro 1. Taxa de sucesso do curso de Museologia. Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pelas edições do *UFS em Números*.

Os dados registrados pelo quadro 1 apontam que a taxa de sucesso do curso passou a ter uma melhora significativa a partir de 2018, quando os acompanhamentos semestrais dos discentes passaram a ter efeito. A proposta de os docentes realizarem acompanhamentos semestrais dos discentes foi aprovada em reunião de colegiado do curso de Museologia no ano de 2016, com o objetivo de identificar os principais “gargalos” do curso, ou seja, o que dificultava a saída e a conclusão da graduação por parte dos discentes. A constatação do alto número de trancamentos, sobretudo dos estudantes que estavam há mais tempo no curso, permitiu um

¹⁸ A taxa de sucesso é mensurada na proporção entre discentes que entram em um determinado curso e concluem no tempo adequado.

¹⁹ *UFS em Números*, São Cristóvão, 2017. Edição especial.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *UFS em Números*, São Cristóvão, 2019.

²² *UFS em Números*, São Cristóvão, 2020. Edição especial.

trabalho individualizado de acompanhamento e orientação, mas, ainda assim, no ano de 2019, foi identificada a existência de discentes com matrícula ativa desde o ano de 2008 sem previsão de conclusão do curso, o que demonstrava que, para além da própria gestão do curso, havia outro problema maior na universidade que se referia aos critérios para manutenção de alunos ativos nos cursos de graduação.

A retenção ou permanência prolongada é a situação em que o discente leva um tempo bem maior do que o previsto para completar a matriz curricular do curso, muitas vezes o aluno não consegue concluir e permanece vários anos matriculado no curso. A evasão e a retenção comprometem a taxa de sucesso na formação universitária, o planejamento para ocupação das vagas, gera custos e compromete a eficiência e produtividade do sistema universitário.²³

O estudo sistemático das taxas de sucesso e de retenção na graduação em Museologia, e nos demais cursos da Universidade Federal de Sergipe, alinha-se com as próprias metas do Reuni, que previam a “elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para 90%; elevação gradual da relação aluno/professor para dezoito alunos para um professor; e aumento mínimo de 20% nas matrículas de graduação”,²⁴ métricas as quais ainda não foram alcançadas na avaliação anual do curso de Museologia. Em março de 2022, o curso contava com 121 discentes ativos, ou seja, com matrícula regularizada e sem pendências com a universidade. Nos últimos cinco anos, esse número tem variado de 100 a 150 discentes ativos semestralmente, o que coloca o curso em uma proporção aluno/professor ainda abaixo das metas do Reuni.

Outro ponto que se percebeu foi o grande quantitativo de pré-requisitos adotado pelo PPC de 2011, o que fazia com que o discente, ao reprovar ou trancar uma disciplina, comprometesse todos

²³ MANNHÃES, Laci Mary B.; CRUZ, Sérgio Manuel Serra da. Predição do desempenho acadêmico de alunos da graduação utilizando mineração de dados. *In: SIMPÓSIO DE PESQUISA OPERACIONAL E LOGÍSTICA DA MARINHA*, 19., 2019, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Centro de Análises de Sistemas Navais, 2019. p. 2.

²⁴ CAJAZEIRAS, *op. cit.*, p. 45.

os semestres seguintes, dificultando a oferta e a possibilidade de cursar uma disciplina. Por fim, um dos fatores levantados na análise do alto índice de retenção foi o Trabalho de Conclusão de Curso II (TCCII), que consistia em um ensaio monográfico. Os problemas identificados nos discentes quando de seu ingresso na vida universitária no que se refere ao domínio da escrita, leitura e interpretação de texto cobravam uma permanência maior no TCC II. Cabe ressaltar que o primeiro PPC trazia em sua matriz curricular as disciplinas Português I e Português II nos dois primeiros semestres do curso, o que deixou de existir a partir da implementação do segundo PPC.

Os pontos elencados acima foram os que subsidiaram a alteração da matriz curricular, buscando a inserção de disciplinas que trabalhassem diretamente com a escrita e leitura, bem como a alteração do formato de Trabalho de Conclusão de Curso, por meio da Normativa 01/2020/DMS, que delimitou cinco linhas de pesquisa do curso de Museologia da UFS, a saber: Museologia e Processos Museais Aplicados, Comunicação, Exposição e Tecnologia em Museus, Museu, Cultura e Sociedade, Conservação Preventiva e Documentação Museológica.

O componente Trabalho de Conclusão de Curso I, no ano de 2022, tornou-se uma atividade curricular, que passou a ser regido pelo professor orientador do discente, e não apenas constituir-se em uma única disciplina, o que possibilitou a este um acompanhamento mais personalizado no processo de construção do projeto e posterior execução, evitando, assim, incompatibilidades teóricas e metodológicas durante a escrita. Sobre o TCC II, passou-se a ofertar novas modalidades de apresentação de trabalho final, que, além do ensaio monográfico, poderiam ser também na forma de artigo e exposição museológica.

A partir desse entendimento, formou-se uma comissão composta pela professora e então coordenadora do curso na época, Rose Elke Debiasi, em conjunto com as professoras Cristina de Almeida Valença Barroso e Priscila Maria de Jesus, para a elaboração de um documento para a normalização do Projeto de TCC I e para as três modalidades de TCC II mencionadas acima. A adoção desses direcionamentos visou contribuir com o aumento da qualidade acadê-

mica e científica dos TCCs e diminuir o período para a integralização do curso, elevando, assim, as suas taxas de sucesso.

O atual PPC possui uma carga horária total de 2.610 horas, distribuídas em 2.370 horas obrigatórias, 120 horas optativas e 120 horas voltadas para a realização das atividades complementares obrigatórias.²⁵ Em comparação com o documento anterior, houve uma redução de 18,7% na carga horária total do curso.

Organizado em três núcleos – formação geral, formação específica e formação complementar –, o PPC²⁶ busca assegurar a disciplinaridade da Museologia, possibilitando ao acadêmico compreender as singularidades da profissão. Após quase quatorze anos de existência, o curso de Museologia passou, no ano de 2020, pela sua terceira alteração do projeto pedagógico, que contou com uma redução da carga horária e do quantitativo de disciplinas, bem como a uniformização da carga horária das disciplinas, para 60 horas cada.²⁷

Como forma de acompanhamento do impacto das mudanças curriculares propostas no novo PPC²⁸ na formação dos discentes, o colegiado do curso tem realizado estudos sobre o desempenho acadêmico discente a partir dos dados disponíveis nos sítios da UFS. Dentre os índices encontrados, foram selecionados apenas os anos de 2020 e 2021, período referente ao processo de adaptação curricular.

Quando foram perguntados sobre a contribuição no aprendizado de conhecimentos específicos e necessários para a atuação profissional, dos alunos respondentes em 2021.2, 85,51% afirmaram que as disciplinas têm um impacto importante na formação do museólogo. Esse é um dado importante, porque reflete as mudanças de prioridade no fluxo das disciplinas e na organicidade das ofertas

²⁵ UFS. Resolução 17/2020/CONEPE. 2020. Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=320193¬icia=438557430 Acesso em: 14 nov. 2021.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ JESUS, Priscila Maria de; PEIXOTO, Ana Flávia da Costa de Campos. Diálogos possíveis em exposições museais: relato de experiência em monitoria. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1-13, jul. 2021, p. 5. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1630>. Acesso em: 1º dez. 2021.

²⁸ UFS. Resolução 17/2020/CONEPE, *op. cit.*

nesse novo projeto pedagógico, por meio do qual foram enfatizadas para os primeiros semestres disciplinas teóricas, seguidas de disciplinas práticas especializadas na atuação do museólogo, além das disciplinas de caráter extensionistas e estágios curriculares e não curriculares. Os dados sobre a contribuição das disciplinas na formação do museólogo podem ser visualizados no gráfico 1:

Os dados levantados pelo Sigaa/UFS através da avaliação discente sobre os componentes curriculares do novo PPC do curso mostram que nos anos de 2020 e 2021, os discentes que responderam a pesquisa acreditam que as disciplinas contribuem para o aprendizado de conhecimentos específicos para a atuação profissional sendo que:

Em 2020.1 um total de 90 alunos;
 Em 2020.2 um total de 72 alunos;
 Em 2021.1 um total de 90 alunos;
 Em 2021.2 um total de 69 alunos respondentes.

Contribuem para o aprendizado de conhecimentos específicos para a atuação profissional

DESCRIÇÃO	2020.1	2020.2	2021.1	2021.2
SEMPRE	78,89%	81,94%	83,33%	85,51%
MAIORIA DAS VEZES	17,78%	16,67%	14,44%	14,49%
ÀS VEZES	2,22%	1,39%	2,22%	0,00%
NUNCA	1,11%	0,00%	0,00%	0,00%

Componentes curriculares contribuem para o aprendizado de conhecimentos específicos para a atuação profissional?

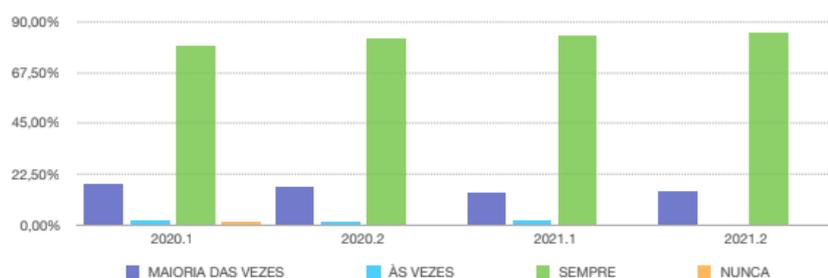


Gráfico 1. Contribuição do PPC 2020 e a atuação profissional.

Fonte: SIGAA/UFS

Com relação à preocupação sobre se a nova grade curricular tem contribuído para a compreensão dos problemas sociais relacionados à atuação profissional, identificou-se que, para 84% dos respondentes nos dois períodos de 2021, as disciplinas sempre refletem os problemas sociais relacionados ao mercado de trabalho. De acordo com o gráfico 2, as respostas apresentam uma margem que oscila entre 80% a 84% dos discentes que participaram da pesquisa no período de 2020 e 2021. Esse é um dado que sugere a efetividade das mudanças das ementas, atualização das produções científicas e qualificação do corpo docente.

Os dados levantados pelo Sigaa/UFS através da avaliação discente sobre os componentes curriculares do novo PPC do curso mostram que nos anos de 2020 e 2021, os discentes que responderam a pesquisa acreditam que as disciplinas contribuem para a compreensão dos problemas sociais relacionados à sua formação profissional sendo que:

Em 2020.1 um total de 90 alunos;
 Em 2020.2 um total de 72 alunos;
 Em 2021.1 um total de 90 alunos;
 Em 2021.2 um total de 69 alunos respondentes.

Contribuem para a compreensão dos problemas sociais relacionados à sua formação profissional

DESCRIÇÃO	2020.1	2020.2	2021.1	2021.2
SEMPRE	80,00%	80,56%	80,00%	84,06%
MAIORIA DAS VEZES	16,67%	15,28%	16,67%	13,04%
ÀS VEZES	2,22%	2,78%	2,22%	2,90%
NUNCA	1,11%	1,39%	1,11%	0,00%

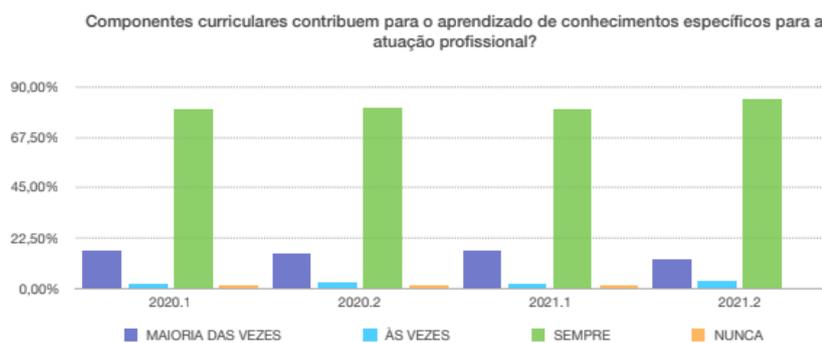


Gráfico 2. PPC de Museologia 2020 e a formação profissional.

Fonte: SIGAA/UFS

A alteração do último PPC também expressa a constante preocupação e problematização do curso sobre o papel dos museus, o perfil dos egressos e os processos museológicos na atualidade. Esse movimento, por sua vez, tem impulsionado a busca de novos enquadramentos visando a dinamização da oferta, a descentralização da formação acadêmica e as novas exigências do campo de trabalho museológico. Nesse ponto, registra-se a incorporação das disciplinas obrigatórias “Museologia e turismo” (disciplina obrigatória no primeiro PPC) e “Tecnologia aplicada a museus” (disciplina que era optativa no segundo PPC) e da optativa “Empreendedorismo e inovação social aplicada a museus”.

Outro ponto destacado é a distribuição mais equilibrada de componentes curriculares com carga horária prática ou extensionista (estas correspondem a 10% da carga horária do curso) desde os primeiros períodos do curso, fomentando o diálogo entre a teoria e a prática para os discentes. A parceria firmada com as instituições museológicas de Laranjeiras (e outros municípios, como Aracaju e São Cristóvão) tem possibilitado a utilização desses espaços como laboratórios de ensino, pesquisa e extensão; por outro lado, repre-

senta uma oportunidade para a universidade realizar uma devolutiva social, por meio da realização de trabalhos técnicos junto às instituições do estado.

Nessa direção, quando perguntados sobre a articulação do PPC (2020) com os projetos de ensino, pesquisa e extensão, observou-se que pouco mais de 50% dos alunos respondentes acreditavam que o novo programa curricular faz articulação entre as linhas de pesquisas, atuação dos professores e grupos de estudos que fomentam as discussões e pesquisas no curso. Entretanto, no período de 2021.2, foi possível identificar um aumento significativo desse percentual para 71%. Assim, acredita-se que os discentes foram capazes de perceber as mudanças à medida que a nova grade curricular ia sendo ofertada. Índices podem ser verificados no gráfico 3:

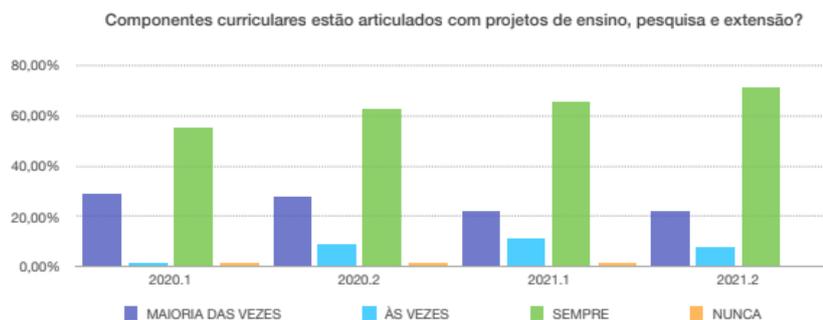
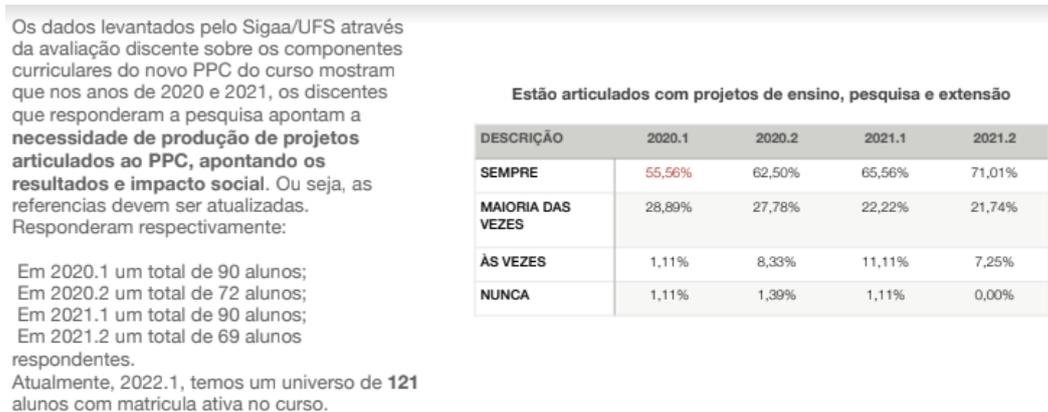


Gráfico 3. PPC 2020 e a articulação com projetos de ensino, pesquisa e extensão. Fonte: SIGAA/UFS

Em uma visão geral, percebe-se que as alterações dos PPCs buscaram atender demandas referentes à sua época, no entanto, é importante observar a variação das cargas horárias (CH), como mostra o quadro 2, atribuídas aos componentes do curso, que se

modificam atendendo as demandas não apenas do curso, mas também das normatizações acadêmicas, seja no âmbito do Ministério da Educação (MEC) ou da própria UFS, que orientaram as alterações dos PPCs. Ressalta-se, ainda, que o longo tempo dedicado à construção do último PPC em vigor esbarrou em entraves institucionais, como as normas que orientavam a construção dos PPCs, que foram alteradas três vezes durante a sua escrita.

Item	Projeto pedagógico do curso de Museologia		
	2007	2011	2020
Carga horária total	2.400	3.210	2.610
Disciplinas obrigatórias (CH)	2.040	2.970	2.370
Disciplinas optativas (CH)	360	120	120
Estágio curricular (CH)	240	270	150
Atividades complementares (CH)	-	120	120

Quadro 2. Síntese das alterações (CH) do curso de Museologia.

Fonte: SIGAA/UFS.

Ao longo dos quinze anos do curso, completados em 2022, apenas três docentes passaram por todos os PPCs implementados, o que lhes permitiu acompanhar esse processo desde a sua criação até o momento atual. No que tange à gestão do curso, percebe-se um direcionamento para os profissionais museólogos, uma vez que apenas duas coordenadores não eram museólogas.

O cenário descrito acima demonstra que o investimento na contratação de docentes museólogos e museólogas tem possibilitado a construção de uma dinâmica de trabalho mais alinhada com as preocupações e as especificidades do campo. Assim, esses profissionais têm desenvolvido ações, por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão, visando uma formação continuada dos discentes para o mercado de trabalho e/ou para seguimento dos estudos, com o ingresso em programas de pós-graduação. A contratação de profissionais museólogos também fortalece o sentimento de valorização, pertencimento e identidade entre os acadêmicos, contribuindo para que eles reconheçam as especificidades da profissão e as atribuições exclusivas do profissional no desenvolvi-

mento de suas ações laborais, bem como a implementação de projetos de ensino, pesquisa e extensão, como demonstra o quadro 3.

Ação	2018		2019		2020		2021	
	Projetos	Bolsas	Projetos	Bolsas	Projetos	Bolsas	Projetos	Bolsas
Extensão	7	14	2	24	5	20	5	20
Pesquisa	0	0	3	6	3	2	2	1
Ensino	3	5	3	4	2	3	3	4

Quadro 3. Distribuição de projetos e bolsas no DMS no período 2018-2021.

Fonte: Portal UFS.

Entre os anos de 2017 e 2018, incentivou-se a formalização de ações desempenhadas pelos docentes do curso nos espaços museais de Sergipe. Tratava-se de ações que integrassem um plano de ação conjunta e que dinamizassem o setor cultural na cidade de Laranjeiras, tendo por eixo uma triangulação de ações envolvendo a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Federal de Sergipe, que concedeu bolsas remuneradas para discentes; o curso de Museologia, por meio de diagnóstico e submissão de ações museológicas e culturais para a cidade; e a Secretaria de Cultura do estado de Sergipe, por meio da disponibilização e parceria com seus espaços museais, como o Museu Afro-Brasileiro de Sergipe e a Casa João Ribeiro, localizados em Laranjeiras.

A partir de 2019, mediante articulação entre os discentes tutores do curso de Museologia com a comunidade, sobretudo as escolas e os museus, passou-se a desenvolver ações com o intuito de aplicar de forma prática os conteúdos discutidos em sala de aula, supervisionadas por um docente. As primeiras atividades consistiram na articulação de conteúdos entre o Museu Afro-Brasileiro de Sergipe e as escolas locais. O segundo momento consistiu na itinerância da exposição curricular apresentada por discentes do curso no primeiro semestre de 2018, intitulada “E se esse corpo fosse meu? Violências cotidianas contra a mulher”, a qual visava apresentar as principais formas de violências vivenciadas pelas mulheres no seu dia a dia, as taxas de violência no estado de Sergipe e as formas de denúncia e conscientização da população.

Pensou-se, ainda, um programa que atuasse em duas frentes, ou eixos norteadores, nas quais foram apresentadas: 1. Extensão universitária nos Museus de Laranjeiras; 2. Ações para o acervo do Museu do Homem Sergipano.

O primeiro eixo, que envolveu a submissão de projetos de extensão com duração de cerca de cinco meses (com possibilidade de renovação), partiu do diagnóstico das instituições, que resultou em perceber os problemas estrutural e conceitual. Em relação à questão estrutural, destaca-se a parte arquitetônica em decorrência da falta de manutenção constante, necessária para prédios tombados e centenários, resultando em infiltrações, danos nos telhados, paredes desgastadas, renovação dos pisos, consolidação da parte estrutural, entre outros. Já o problema conceitual perpassava pelas ações internas e técnica dos museus, nas quais se atém à museologia enquanto campo disciplinar, a exemplo das exposições pouco atrativas, falta de equipamentos básicos para o gerenciamento e controle do acervo, falta de equipe e corpo técnico capacitado e operante para o funcionamento dos museus, adequação dos espaços de acordo com as normas de acessibilidade vigentes e projeto de segurança institucional.

As ações de extensão apresentadas no Edital Piaex no 02/2018 tiveram como meta o desenvolvimento de ações que minimizassem os problemas de ordem técnica diagnosticados nos museus de Laranjeiras, seguindo a política de extensão da Universidade Federal de Sergipe:

A atual política de extensão na UFS buscará apoio de recursos por meio de convênios, parcerias e editais públicos para a interação com instituições e organizações sociais que representam o público-alvo das atividades extensionistas da UFS. É essencial pensar o desenvolvimento tecnológico sob a ótica não apenas de processos produtivos, mas também dos processos sociais que podem impactar a qualidade de vida das populações. As atividades de extensão concebidas pela PROEX serão materializadas por meio das ações que envolvam práticas docentes e discentes, nas diversas áreas temáticas e aplicadas a determinados segmentos da sociedade.²⁹

²⁹ OLIVEIRA, Alaíde Hermínia de Aguiar. Apresentação. In: UFS. Proex. *Manual da extensão*. São Cristóvão: UFS, 2018. Disponível em: http://proex.ufs.br/uploads/page_attach/path/4141/MANUAL_de_Extens_o_alaide_2018_correto.pdf. Acesso em: 12 maio 2018.

O objetivo descrito acima foi operar em parceria com os espaços museais existentes, enquanto laboratórios de ensino para os discentes do curso de Museologia, bem como possibilitar o estudo das práticas que integram a cadeia operatória da Museologia. Vale ressaltar que as ações não envolvem a alteração das exposições vigentes, que necessitariam de recursos financeiros que não foram contemplados pelos editais, além de serem inviáveis sem a adequação estrutural da parte arquitetônica dos museus e o aporte de alguma instituição ou edital de fomento.

Já o segundo eixo partiu do empréstimo de parte do acervo do Museu do Homem Sergipano (Muhse), instituição museológica integrante da Universidade Federal de Sergipe, criada em 1976 com o nome de Museu Antropológico a fim de ser uma extensão do curso de Antropologia para a divulgação de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão. No ano de 2013, devido a uma interdição do prédio, o museu foi fechado e seu acervo provisoriamente alocado no Centro de Cultura e Artes da UFS (Cultart), localizado na cidade de Aracaju. Nesse eixo foram apresentados projetos de extensão e pesquisa por meio de uma parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) e o Departamento de Museologia, especificamente o Laboratório de Expologia. Parte do acervo arqueológico foi alocado no respectivo laboratório, possibilitando, assim, o desenvolvimento de ações de ensino, documentação, pesquisa, comunicação e ação educativa. Com a reabertura do Cultart e devido a questões inerentes à gestão do acervo pelo departamento, o material foi devolvido para o Muhse e retirado das dependências do *campus* em setembro de 2022.

Considerações finais

O diálogo com a comunidade na qual está inserido o curso de Museologia e a realização de ações efetivas que busquem promover essa relação, no intuito de gerar produtos que tragam benefícios a curto, médio e longo prazo, têm sido o norte do curso desde a sua criação no ano de 2007, sobretudo por ser o curso com maior entrada, no *campus*, de estudantes laranjeirenses.

A estreita relação com a Pró-Reitoria de Extensão na efetivação dessas ações tem feito com que o curso dialogue com a nova política de extensão da UFS, buscando a geração de produtos que resultem em um impacto na qualidade de vida dos habitantes de Laranjeiras e nas cidades onde os projetos estão se desenvolvendo, sendo mediador do conhecimento técnico, mas também aprendiz do amplo e rico saber popular. Essa nova perspectiva parte de um trabalho colaborativo apoiado em três pilares: universidade, instituições e comunidade, que permite uma formação do corpo discente em consonância com demandas atuais e constantes dos espaços museais, realizando uma relação entre ensino e prática.

Ao analisar a trajetória do curso de Museologia da UFS, compreende-se que o seu desenvolvimento e processo de consolidação parte de uma série de ações que envolvem desde o incremento no número de docentes, as novas demandas da sociedade da informação, bem como as exigências do mercado de trabalho, as análises dos perfis do alunado e dos egressos, além do estreito diálogo com as instituições museológicas de Laranjeiras e do estado de Sergipe. Com o amadurecimento do curso, foi possível propor um PPC que espelhasse a sua realidade, voltando o seu olhar para sua primeira versão, bem como atendesse demandas – como desenvolver um programa mais flexível e não muito rígido nos pré-requisitos e na quantidade de disciplinas – que facilitassem o percurso do discente ao longo de sua trajetória na universidade, permitindo, assim, que se reduzisse os índices de retenção.

Evidentemente, o atual PPC não é um modelo ideal e estanque, mas um documento coletivo que expressa um compromisso com a formação profissional – geral e particular, disciplinar e interdisciplinar – sem perder a sua identidade e sem precisar realizar “malabarismos” para atender uma grade curricular dissonante da dinâmica local. Parte dessas alterações buscaram pensar as mudanças no cenário mundial, como o avanço das tecnologias digitais, a partir de ofertas de disciplinas e conteúdos que trabalhassem com o tema, além de formas de empreender pensando a museologia, a partir de uma cadeia produtiva de serviços que podem ser oferecidos pelos profissionais. Oferecendo essa perspectiva, se inserem

disciplinas como “Museologia e turismo”, que havia deixado de ser componente obrigatório no segundo PPC, “Tecnologia aplicada a museus”, que deixa de ser optativa e passa a ser obrigatória com o PPC de 2020 e busca atender o contexto informacional e tecnológico em constante desenvolvimento, e “Empreendedorismo e inovação social aplicada a museus”, que não estava presente nos dois primeiros projetos pedagógicos.

Tudo isso suscitou a adequação às diretrizes acadêmicas aliada ao processo de autoanálise do curso, a criação de instrumentos de análise e a formação de um olhar sensível, possibilitou o acompanhamento sistemático dos discentes, o enxugamento e a alocação de disciplinas de forma mais racional, contribuindo, assim, com a qualidade da vida acadêmica do alunado.

Quanto aos resultados gerais dessa revisão dos PPCs e do curso como um todo, é possível concluir: diminuição em cerca de 18,7% da carga horária do curso, em relação ao segundo projeto de PPC, flexibilizando e diminuindo o quantitativos de disciplinas, bem como a retirada dos excessos de pré-requisitos, que resulta em maior tranquilidade para os discentes concluírem o curso, permite a realização de atividades curriculares e extracurriculares (como estágios, monitorias, iniciação científica, entre outros) bem como leva à redução de processos para a quebra de pré-requisitos; houve aumento da oferta de bolsas para os discentes e aprovações de projetos de pesquisa, extensão e monitoria, que resulta em uma participação mais ativa do quadro docente para a integração dos discentes em atividades que envolvam o curso, o *campus*, a cidade de Laranjeiras, o estado de Sergipe como um todo, levando à formação de profissionais mais capacitados e com mais experiências na área.

A diminuição na carga horária e dos pré-requisitos no PPC de 2011 buscaram a diminuição do índice de retenção, que passou a ser sistematicamente estudado a partir de 2016, contando com a aplicação de metodologias e processos de acompanhamento discente ao longo dos semestres, que culminou na reestruturação do PPC para a sua terceira versão.

Quanto à adequação das disciplinas e sua relação com os problemas sociais enfrentados no mercado de trabalho, conclui-se que

o escopo de disciplinas apresentadas no PPC de 2020 atendem as demandas e necessidades dos discentes, quando estes passam a realizar atividades fora do ambiente da universidade. No que tange aos egressos, conclui-se que ainda as ações precisam ser mais amplas, para além de seu acompanhamento, com a sua capacitação constante e busca por mais campos de trabalho no estado de Sergipe.

Do ponto de vista formativo, as alterações propostas resultam em um fortalecimento da museologia aplicada no PPC implantado em 2020, que demandará o acompanhamento e a construção de indicadores para análises e reflexões futuras. O estudo sistemático e processual permitirá não apenas o entendimento dos acertos e dos aspectos que devem melhorar na operacionalização do curso, mas possibilitará as bases para a reflexão e a transformação de práticas de gestão e pedagógicas não alinhadas à práxis museológica contemporânea.

Este artigo foi originalmente escrito para a comunicação na “Jornada 90 anos de formação em Museologia no Brasil: Desafios e perspectivas”, organizada pela Unirio, de forma remota, no dia 7 de março de 2022.

Priscila Maria de Jesus | Doutoranda em Ciência da Informação, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia. Graduada em Museologia, Universidade Federal da Bahia. Professora adjunta do Departamento de Museologia da UFS. E-mail: priscilamdj@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7459325582753481> ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4592-279X>.

Rose Elke Debiasi | Professora do curso de Museologia da UFS. Historiadora e museóloga pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pós-doutora pela UFSC. Dedicar-se a temas relacionados à memória, à pesquisa histórica nos museus e ao patrimônio cultural, em especial dos povos do campo. Atua nas linhas de pesquisa “*Museologia e processos museais aplicados*” e “*Museu, cultura e sociedade*”, vinculadas ao Departamento de Museologia da UFS. Organizou as coletâneas *Terra e memórias: vivências, conflitos e conquistas no(s) rural(is) do Brasil* (2018) e *Movimentos sociais e resistência no Sul do Brasil* (2020). E-mail: elkedebiasi@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9745080520218511> | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5468-6990>.

Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso | Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação pela UFS. É bacharel e licenciada em História pela mesma universidade e graduada em Pedagogia pela Clarentiano. Professora do curso de Museologia da UFS e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFS). Coordenadora do Laboratório de Museologia Aplicada-LAB-MUSAS e Líder do GEMPS. E-mail: tina_valenca@yahoo.com.br | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0300255203406433> | ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8059-2039>.

<< [Voltar ao início](#)